



## Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que educa!

### RESUMO

A obra de Fanon oferece um projeto de reestruturação do mundo ao conectar o sociodiagnóstico com campos como a linguagem, a fenomenologia, a psicanálise, o marxismo, a negritude e a psiquiatria. Essa abordagem inspirou a formação docente e gerou contribuições em atividades do PIBID-Filosofia, no mestrado profissional e nos estágios supervisionados de Filosofia. Nessa perspectiva, a violência revolucionária da luta anticolonial emerge da articulação entre teoria e prática. Essa abordagem, que se opõe aos limites disciplinares hegemônicos e aos esquemas teóricos tradicionais, destaca as tensões entre as zonas do ser e do não-ser. Essa tem sido a estratégia em sala de aula, utilizada para dar visibilidade à existência invisibilizada por meio da afirmação do corpo como uma forma revolucionária. Esse exercício didático impacta as dimensões políticas, éticas e estéticas, além de influenciar a produção de subjetividades, ampliando as perspectivas para a educação e a formação de professores. A partir dessa leitura, o corpo se torna o foco. É no corpo que reside o questionamento. Precisamos questionar para educar, afirmando o corpo. É necessário que o corpo se revolte contra as imposições. A cultura, a subjetividade e o psiquismo — dimensões que constituem o ser social — não são dados biológicos, naturais ou essenciais. Pelo contrário, são produtos da história em condições concretas. Fanon mostra como o sujeito dominado é formatado e como ele pode ser destruído para dar lugar a um sujeito emancipado. Ele demonstra como a prática política de libertação pode transformar a subjetividade, a cultura e as estruturas sociais, políticas e econômicas. Ao problematizar o epistemicídio e a injustiça cognitiva, o autor revela a falta de reconhecimento do conhecimento produzido na África e entre os povos originários, saberes que podem iluminar toda a humanidade.

Palavras-chave: ensino de filosofia; formação docente; Franz Fanon.

